

A psicose em Lacan: mutações da teoria a partir da clínica

Denner Rodrigues G. Santos¹

Cristina Moreira Marcos²

1 Psicólogo. Especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental do Instituto Raul Soares – FHEMIG.

2 Doutora em Psicanálise e Psicopatologia Fundamental pela Universidade de Paris 7. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Docente da Faculdade de Psicologia da PUC Minas.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar as transformações que o conceito de psicose sofreu na teoria psicanalítica de Jacques Lacan depois que alguns dos seus seminários foram publicados, ministrados entre a década de 1950 até o fim da década de 1960. Nos anos 1950, Lacan formula um axioma sob a primazia do registro simbólico: *o inconsciente é estruturado como linguagem*, por meio desse axioma, veremos como os fenômenos elementares saíram do campo dos distúrbios sensoperceptivos para serem considerados manifestações do inconsciente características da psicose que ocorrem como resultado de uma defesa particular que os sujeitos dessa estrutura utilizam perante a castração. Observaremos como essa defesa específica – a forclusão – faz parte da constituição subjetiva dos psicóticos, quais as implicações desta para a não incidência da metáfora paterna, como isso compromete a significação fálica e modifica a configuração da realidade desses sujeitos. Investigaremos também qual a principal saída apontada por Lacan, durante a década de 1950, que o sujeito psicótico pode adotar como solução para seu sofrimento.

Por fim, verificaremos como Lacan percebe a queda do registro simbólico do seu lugar de primazia ao se deparar com o objeto *a*, algo que o força a pensar a clínica psicanalítica, e consequentemente a clínica das psicoses, sob o registro do real. Examinaremos as implicações dessa mudança de perspectiva, que subverte o paradigma até então vigente e retira a psicose de um lugar outrora deficitário em relação à neurose. Conclui-se que essa mudança de paradigma produz efeitos na forma de se pensar a estruturação subjetiva, modificando a concepção que se tinha da castração e a direção de tratamento desses sujeitos.

As psicoses e sua relação com a linguagem

Diferentemente do que predominava na Psiquiatria de seu tempo, Lacan não concordava com as teorias sobre uma organogênese das psicoses. Por isso fez críticas aos psiquiatras que se apoiavam em fundamentações neurológicas do funcionamento cerebral para justificar a “eclosão” de um surto psicótico em um indivíduo. No Seminário 3 (1955-1956/2002), Lacan recrimina as ideias organicistas de Kraepelin, que buscava uma causalidade linear para explicar a ocorrência das psicoses mediante princípios da genética. Por compartilhar da ideologia de caráter dualista presente na Medicina contemporânea dele, a qual dissociava os aspectos orgânico e psíquico do ser humano, a hipótese de Kraepelin sobre uma organogênese dos transtornos mentais tinha como um dos objetivos excluir e contrapor as teorias a respeito da psicogênese desses transtornos. Leite (2002) contextualiza que essa concepção dualista foi retomada posteriormente por Jaspers em sua psicopatologia, ao defender a existência de duas formas do adoecimento mental: o desenvolvimento e o processo.

Conforme Leite (2002), o desenvolvimento das faculdades mentais em Jaspers tem estreita relação com o desenvolvimento da personalidade e do psiquismo em si, uma psicogênese. Os fenômenos psicopatológicos, quando presentes, não são explicados por uma causalidade orgânica, mas são passíveis de compreensão à medida que são levantados os possíveis motivos – e não causas – que levaram ao desenvolvimento de tais

fenômenos, que, por sua vez, estabelecem uma relação de sentido com a história de vida do sujeito. Contrariamente a isso, em caso de adoecimento psíquico processual, os fenômenos não seriam compreensíveis e nem apresentariam sentido para o sujeito condizente com sua história de vida. Leite (2002) aponta que, para Jaspers, as psicoses fariam parte desse segundo grupo e, portanto, os fenômenos deveriam ser explicados buscando-se uma causalidade.

O curioso é que Lacan, em seu seminário sobre as psicoses, também discorda dos princípios da psicogênese, já que tal teorização considerava a paranoia, por exemplo, como um distúrbio de personalidade e uma desordem de caráter. “Se a psicogênese é isso, é justamente aquilo de que a Psicanálise está mais afastada” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 16). Conforme ele (1955-1956/2002, p. 17), a “experiência freudiana não é de forma alguma pré-conceitual”, sendo assim, é necessário compreender tudo o que se sucede à experiência analítica por meio da ordem do simbólico, do imaginário e do real, conjuntamente. “Tudo deixa transparecer que tudo o que nos mostra nossa experiência analítica se satisfaz em ser disposto nas três ordens de relações” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 171). Dessa forma, orientar-se por uma análise que exclua uma dessas referências é ignorar a complexidade do sujeito.

Lacan teoriza sobre a gênese das psicoses citando a frase de Freud, presente na análise do caso Schreber (Freud, 1911/1996a), a respeito das alucinações que se apresentam nos casos de psicose desencadeada, “algo rejeitado do interior reaparece no exterior” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 97). Sua intenção é pensar no mecanismo estruturante da psicose, que, segundo ele, se apresenta anteriormente a qualquer simbolização. Lacan considera essa temporalidade lógica ao afirmar que as psicoses apontam para a possibilidade de uma parte da simbolização não conseguir se efetivar na constituição do sujeito, para a ocorrência de algo anterior ao próprio recalque que impede que este se dê e, conseqüentemente, impede que a neurose se estruture. “Assim pode acontecer que alguma coisa de primordial não entre na simbolização, e seja não recalcado, mas rejeitado.” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 97).

Revisitando a teoria freudiana, Lacan defende que a *Bejahung*, isto é, a apresentação primordial do simbólico à criança em sua constituição subjetiva, sofreu o golpe da *Verwerfung*, da rejeição, e isso, ao ser abolido do simbólico, retorna no real sob a forma da alucinação. Neste momento nos cabe a pergunta: O que, exatamente, sofre esse processo da *Verwerfung* e não se inscreve no simbólico?

Lacan propõe a ideia de que isso seja um significante primordial ao sujeito, o qual seria responsável por inseri-lo no registro simbólico, no laço social, na partilha dos sexos, na lei fálica que ordena a percepção da realidade e o sentido do desejo. É o significante que operaria o recalque propriamente dito e estruturaria a neurose e o dilema de ter ou não ter o falo após deixar de sê-lo devido a tal operação significativa. Isso leva a pensar que neste momento do ensino de Lacan a psicose manifesta um déficit simbólico em relação à neurose.

Lacan apresenta três funções simbólicas que são decorrentes da *Bejahung* e que se mostram ausentes nas psicoses (1955-1956/2002): a *Verdichtung* diz respeito à função do

“não entendido”, e é o que nos capacita a assumir posições distintas e até antagônicas em nossa vida de maneira simbólica, sem que isso reverbere no imaginário ou no real; a *Verdrängung*, o recalque, é aquilo que acontece quando a função do não entendido não se efetiva e ocasiona um conflito que seria vivido pelo eu em grande sofrimento, se o recalque não operasse. A cadeia significativa que não está coerente com o eu sofre recalque, mas não deixa de existir, e retorna no simbólico sob a forma do sintoma neurótico; e por fim a *Verneinung*, a denegação, que diz respeito à capacidade humana de atribuir valor de existência a algo que advém pelo discurso e recebe grande influência do princípio de realidade, já que essa atribuição de existência é o que nos faz crer que um objeto ausente pode ser reencontrado. Diferentemente do neurótico, o psicótico não conseguiria lograr a atribuição de existência *daquilo* que foi rejeitado.

O sujeito, [...] por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é o novo e ele próprio, entra em outro modo de mediação, completamente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica por um formigamento, por uma proliferação imaginária, nos quais se introduz, de maneira deformada, e profundamente a-simbólica, o sinal central de uma mediação possível. (Lacan, 1955-1956/2002, p. 104).

Essa proliferação imaginária enclausura o psicótico em uma relação especular com o mundo. Uma proposição de Freud (1911/1996a) é que o paranoico está fixado no narcisismo primário, por isso tudo lhe faz alusão em seu delírio. O sujeito retira toda a libido do mundo externo e retorna-a ao eu, superinvestindo-o. Quando o eu não suporta essa sobrecarga de libido, desintegra-se e conseqüentemente ocorre a fragmentação corporal que caracteriza a esquizofrenia e, nesse caso, a fixação libidinal se instala numa fase ainda anterior à do narcisismo, o autoerotismo. No Seminário 3, Lacan está de acordo com Freud nesse ponto e explicita que uma relação narcísica “é, com efeito, uma relação erótica – toda identificação erótica, toda apreensão do outro pela imagem numa relação de cativação erótica, se faz pela via da relação narcísica – e é também a base da tensão agressiva” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 110).

Lacan pontua, assim como Freud, que uma função da relação narcísica (talvez a mais importante) é a de o sujeito constituir para si um Eu a partir da imagem do outro. Essa relação imaginária rege o erotismo e a agressividade porque o Eu – identificado à imagem do outro – exerce sobre o sujeito uma função de mestria. Não seria o Eu responsável por escolher como o sujeito do inconsciente deve ou não satisfazer suas pulsões, sucumbindo-o ao princípio de realidade, sendo isso causa constante de conflito na neurose? Desde os primórdios de sua constituição, o sujeito mantém com seu Eu uma relação de amor e ódio. Lacan (1955-1956/2002, p. 111) sugere que por isso as injúrias são tão frequentes no relato de pacientes paranoicos, asseverando que “o sujeito humano é assim constituído de forma que o outro está sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele”. Para o autor, o Eu é paranoico.

Assim, não é de se surpreender que as relações essencialmente imaginárias sejam fadadas ao fracasso, já que encontrar um equilíbrio entre os extremos do amor e ódio é praticamente impossível sem a presença de um terceiro elemento que faça uma intermediação. Lacan afirma que a teoria freudiana do Complexo de Édipo nos alerta justamente que a relação imaginária incestuosa não tem outro fim senão o conflito e a

ruína, necessitando de um terceiro que harmonize a relação. “Não é demais dizer – é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do pai” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 114).

É interessante explicitar a importância que Lacan atribui ao registro simbólico nesse momento de seu ensino. Há uma primazia do simbólico sobre os outros registros, existe o reconhecimento de um poder no uso da palavra e de um poder da palavra em si, da lei que impacta na organização e na própria existência do sujeito humano. A partir disso, Lacan retomou os fenômenos elementares da psicose passando a considerá-los como fatos de linguagem, tornando-os peças-chave para o entendimento de como o sujeito se insere na ordem simbólica e de como se estrutura a psicose quando isso não acontece.

O inconsciente é estruturado como uma linguagem

Para entender a concepção lacaniana das psicoses presente no Seminário 3, é necessário elucidar o axioma elaborado por ele – cujo conceito de psicose é tributário – de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Lacan contesta a teoria do linguista Saussure sobre a relação direta entre um significante e um significado, afirmando que uma significação não equivale simplesmente à relação entre as coisas materiais e os significantes aos quais se ligam. Um significante liga-se sempre a outro significante por oposição e só mediante movimento de retroação é possível conceber uma significação para algo. Assim também funciona o inconsciente freudiano, é necessário um trauma primário, um primeiro evento que inicialmente não significa nada. Ao ligar-se com um segundo evento, o primeiro adquire sua significação traumática justamente por essa ligação retroativa, formando a partir daí um sintoma, no caso da neurose, que vem no lugar daquilo que é indizível do trauma.

Também se faz necessário explorar as ideias de Lacan sobre como se dá a comunicação humana e a relação do sujeito com a linguagem. Sabe-se da importância das relações de alteridade na constituição subjetiva e que aprendemos a nos comunicar com o outro à medida que esse outro nos fala. Lacan (1955-1956/2002) aponta que, mais do que falar ao outro, a comunicação é tentar fazer o Outro (do inconsciente) falar e afirma que os impasses da comunicação acometem todos, mas normalmente são negligenciados e o mal-entendido fundamental é substituído pela miragem de que duas pessoas se comunicam e facilmente se compreendem, desde que falem a mesma língua.

Mais importante do que pensar na comunicação interpessoal, Lacan (1955-1956/2002) apresenta como o sujeito do inconsciente relaciona-se com o Eu, descortinando as diferenças entre como acontece essa relação na psicose e na neurose. O sujeito psicótico testemunha o inconsciente freudiano apresentando-o a céu aberto com seus fenômenos elementares. Não vemos isso claramente na neurose, pois o Eu executa a função de filtrar a manifestação do inconsciente a partir do recalque, tornando a manifestação velada sob uma formação de compromisso simbólica, sintomática. Para o sujeito neurótico, falar com o seu Eu não é nenhum motivo de estranhamento; no entanto, tratando-se do psicótico, Lacan (1955-1956/2002) nos diz que esse sujeito identifica-se de tal forma com

seu Eu que recebe a mensagem de seu inconsciente como se viesse de fora, e não dele mesmo.

Dessa forma é possível pensar que, no sujeito delirante, o sujeito do inconsciente fala a si mesmo de si mesmo como se fosse o outro (que na identificação especular se equivale a ele mesmo), de uma mensagem que vem despida; tal qual é, do Outro, que o coloca como um objeto.

Como isso será possível? É que o eu humano é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo do outro do que do surgimento de sua própria tendência. [...] a primeira síntese do *ego* é essencialmente *alter ego*, ela é alienada. O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o outro na medida em que ele lhe dá a sua unidade, e o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto do desejo do outro (Lacan, 1955-1956/2002, p. 50).

O interesse de Lacan no Seminário 3 é verter os fenômenos elementares da psicose como fatos de linguagem, e a partir da teoria lacaniana da comunicação vista anteriormente é possível conceber que uma alucinação acontece devido ao retorno de um significante outrora abolido ao Eu, cujo sujeito crê que veio de fora. Por isso, o que denuncia uma alucinação nada tem a ver com a questão sensoperceptiva, mas com uma alteração no uso da linguagem, na qual o sujeito se vê como receptor de uma mensagem sem reconhecer que é ele também o emissor.

Outra diferença importante entre o discurso do delirante e do sujeito neurótico é a relação de ambos com a verdade, com a crença. “O que caracteriza um sujeito normal é precisamente não levar jamais a sério um certo número de realidades cujas existências ele reconhece” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 90). Contudo, a forte crença do psicótico não diz respeito à realidade das alucinações em si, das quais o sujeito pode até não acreditar que realmente existam e perceber que há algo de irreal no que se apresenta a ele, que somente ele vê ou ouve. A crença do psicótico, consoante Lacan, indica que, por mais estranho que seja o fenômeno, aquilo faz alusão a ele.

A certeza delirante, por seus aspectos de irredutibilidade, não compreensibilidade e não dialetização, constitui-se como um dos fenômenos elementares da experiência psicótica. [...] A certeza é o solo onde se assentam as produções delirantes e alucinatórias do paciente, é a base estável onde vêm se ordenar dúvidas secundárias, submetidas todas a essa certeza última que, em vez de excluir, o que faz é determinar todas as questões. (Souza, 1991, p. 42).

É importante observar também um ponto quase imutável, um fenômeno central a partir do qual todo delírio se origina para tentar dar sentido. Lacan (1955-1956/2002) diz que justamente por não compreender a causa dos fenômenos que aparecem é que o sujeito formula suas significações delirantes que o ajudam a desembaraçar sua loucura. Inclusive as elucubrações de Lacan sobre o delírio impõem uma diferença conceitual importante a ser observada: as ideações delirantes como um fenômeno elementar da psicose, vividas sem sentido e em perplexidade; e o delírio sistematizado como um trabalho árduo, uma tentativa de cura do sujeito, uma forma de tecer uma rede simbólica que dê conta de estabilizá-lo.

Conforme Lacan (1955-1956/2002), a ideação delirante do sujeito está longe de ser um sem-sentido vazio, uma ausência. O sem-sentido das ideações delirantes tem sua positividade ao se constituir a partir de frases que se contradizem e ao mesmo tempo se articulam. Adotar o preconceito de que a ideação delirante é anormal é uma forma de se defender, de não se haver com a própria falha da linguagem que não dá conta de significar tudo ao homem, de ignorar a existência de mensagens do sujeito do inconsciente que, muitas vezes, contradizem as certezas do eu.

Ademais, a capacidade de formular um delírio consistente é “o que distingue a paranoia da demência precoce [esquizofrenia], o delirante as articula [as ideias] com uma abundância, com uma riqueza que é justamente uma das características clínicas mais essenciais” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 93). No caso das alucinações, a voz que o sujeito psicótico escuta como vinda desse Outro, apesar de apresentar um caráter de perplexidade em um primeiro momento, exercerá a função de nomeação a esse sujeito a partir da elaboração delirante, ou seja, o delírio passa a ser de suma importância para o psicótico, pois servirá como algo que organiza seu mundo e a si mesmo, é algo que diz ao sujeito quem ele é, fornecendo-lhe o sentido que necessita.

Isso fica explícito na leitura que Lacan faz do caso de Schreber em seu seminário sobre a psicose. Schreber sofre toda a sorte de dores e fenômenos intoleráveis quando “Deus se ausenta”, isto é, no cessar das alucinações. Para Schreber é imprescindível que Deus continue falando com ele. Segundo Lacan, a importância disso para o psicótico é que seu Eu não existiria sem o Tu que é Deus. No caso Schreber, vemos como o presidente se apazigua quando se concebe como a Mulher de Deus, responsável por dar à luz a uma nova humanidade, atribuindo-se assim uma função para si e uma resposta para o enigma do desejo do Outro a partir do delírio.

A constituição do sujeito psicótico

Em 1957-1958, Lacan anuncia a Metáfora Paterna para atualizar a teoria edípica freudiana. É uma forma de traduzir um conceito que descrevia, até então, a triangulação eminentemente imaginária basal à constituição subjetiva para um modelo que parte principalmente do axioma lacaniano: o inconsciente se estrutura como linguagem. Diferentemente de Freud, que nos apresenta a figura paterna e figura materna, Lacan nos apresenta essas posições em seu caráter significante – “A novidade lacaniana, portanto, se deve à introdução do pai como significante” (Miller, 1996, p. 122). Dessa forma, o olhar de Lacan para esse momento é, antes de tudo, simbólico.

Lacan (1957-1958/1999) retoma o *fort-da*³ freudiano para dizer que antes mesmo de o pai entrar como um terceiro elemento na relação mãe-filho já existe um elemento que faz com que essa relação não seja dual, mas tripla. Quando a criança percebe que a mãe se ausenta, simultaneamente se dá conta de que existe, na mãe, desejo de algo além do que apenas satisfazer o desejo dessa criança. Por isso, em um primeiro momento da Metáfora Paterna, a mãe já entra castrada, desejante.

³ *Fort-da* é o nome dado por Freud ao jogo feito pela criança em sua tentativa de simbolizar as idas e vindas da mãe, uma simbolização primordial que ocorre antes da entrada do pai enquanto uma figura de triangulação da relação entre ela e sua mãe.

Em um segundo tempo, o significante Nome-do-Pai, homófono à “não-do-Pai” em francês, é o significante que demarca para a criança a separação entre ela e a mãe. É o significante que barra tanto a criança quanto a mãe ao acesso a um gozo absoluto e mortífero, ao metaforizar para essa criança o que essa mãe deseja. A presença do Nome-do-Pai causa um desconforto na criança, que até então está assujeitada a ser o objeto do desejo da mãe, “é na medida em que [sic] o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe”⁴ (Lacan, 1957-1998/1999, p. 210).

Nesse momento da teoria, a castração operacionalizada pelo Nome-do-Pai é requisito fundamental para elevar o ser vivente à condição de sujeito. Uma vez tendo o seu corpo marcado pelo significante fálico trazido pelo Nome-do-Pai, um furo no real do corpo se efetiva ocasionando um escoamento de gozo, possibilitando o investimento pulsional objetual fora do corpo, que configurará a sexualidade propriamente dita e permitirá que os significantes outrora engendrados possam deslizar, constituir cadeias que se organizam formando significações.

Vemos então que, para além de proibir a mãe, o Nome-do-Pai servirá como um ponto de referência que nomeará a criança e organizará a significação do mundo a sua volta, na medida em que ofereça uma significação para ela, ainda que metaforicamente, daquilo que sua mãe deseja. Sendo assim, no fim da década de 1950, o significante Nome-do-Pai tomará o lugar de conceito-chave na teoria lacaniana acerca da psicose, pois Lacan encontra nesse significante a definição *daquilo* que Freud apontou que fora outrora rejeitado à simbolização.

Lacan (1957-1998/1999) localiza que é sobre tal significante que a *Verwerfung* atua, fazendo uso da palavra *forclusion* – a foraclusão – para traduzir esse termo (que é utilizado juridicamente quando um recurso de defesa a ser empregado em caso judicial prescreve por ter sido acionado fora do tempo permitido, sendo assim abolido e invalidado). Enfim, à psicose falta o significante Nome-do-Pai, o significante paterno que metaforiza o lugar que o sujeito representa no desejo da mãe. Desse modo, com a foraclusão do significante paterno e o desejo da mãe não simbolizado, a realidade do psicótico não pode corresponder àquela organizada pela norma fálica.

Mas, afinal, qual a importância do Nome-do-Pai e da significação fálica que dele decorre? Ora, quando o Nome-do-Pai se apresenta contido no discurso da mãe, ele registra o lugar do falo simbólico como o significante da falta. Se há falta, há desejo. Desejo esse que a metáfora paterna identifica como desejo do falo imaginário. Se há significação fálica para o desejo, existe a possibilidade de uma ordenação significante que organizará o mundo conforme determinada lógica, seguindo um sentido, que é o sentido fálico. Se na psicose o Nome-do-Pai está foracluído, fazendo com que o desejo da mãe não exista – ou exista como algo enigmático ao sujeito, algo não significado –, Quinet (2006) nos dirá que é um equívoco tentar adequar o sujeito psicótico à norma fálica, à realidade que é “compartilhada” por aqueles que estão sob essa norma, isto é, os neuróticos. Lacan

⁴ A locução conjuntiva “na medida em que” expressa ideia de causalidade; sendo assim, nesse contexto, o correto é utilizar a locução proporcional “à medida que”.

(1957-1958/1998, p. 582) conclui então que “É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do grande Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, como a estrutura que a separa da neurose”.

Consoante Lacan (1957-1958/1998), o não advento da significação fálica é o que criará um rombo na realidade do psicótico deixando-o à mercê dos fenômenos elementares que mencionamos anteriormente. Souza (1991, p. 17) dirá que “Dessa catástrofe de efeitos letais, emerge um sujeito dilacerado por sentimentos de perda e errância, um sujeito à deriva, sem arrimo do significante, um ser desvalido de todo porto, de todo ponto de referência”. Contudo, é importante ressaltar que a forclusão do Nome-do-Pai é silenciosa em sua origem, é um fenômeno não observável, sendo percebido quando as consequências ruidosas de seu desencadeamento entram em cena.

No Seminário 5, Lacan (1957-1958/1999) ensina que na ocorrência da forclusão do significante primordial e da conseqüente carência do simbólico a vida do psicótico será sustentada por bengalas imaginárias que realizarão um trabalho de estabilização de sua realidade. Com o investimento do imaginário, há uma distorção na percepção que o sujeito tem da realidade que só será percebida *a posteriori*. Lacan (1957-1958/1998) dirá que é no encontro com Um-pai, que convoca o sujeito a responder de um lugar onde ele nunca – estruturalmente – teve artifício para isso, é que se dá o desencadeamento da psicose.

Vamos entender isso melhor. Foram descritas anteriormente as três funções simbólicas que são esfaceladas na psicose em decorrência da não apresentação do significante primordial à criança, o que agora nomeamos como forclusão do Nome-do-Pai. Prosseguindo, quando Lacan diz que o sujeito psicótico é convocado por Um-pai a responder de um lugar onde ele não dá conta, o autor se refere à situação na qual o sujeito é desafiado por alguém – ou alguma coisa – que está em uma posição de representante da Lei; logo, uma posição simbólica, um terceiro que se implica em uma relação outrora especular, e nesse momento, exigindo que o sujeito se posicione de maneira simbólica, havendo uma ruptura, uma dissolução da realidade constituída a partir do imaginário.

É possível exemplificar esse encontro com Um-pai no caso de F., que entra em crise às vésperas da formatura de sua única filha no Ensino Médio. O paciente em questão permaneceu preocupado durante semanas após ter recebido um “convite oficial” vindo da escola da filha para acompanhá-la durante a entrada na referida cerimônia. Com muita angústia, imaginava-se de terno acompanhando a menina, testemunhando que agora ela teria crescido e não precisaria mais dele. Em seu discurso, deixava entrever como acreditava que perderia sua imagem de pai diante de uma filha “já crescida”. F. inicia um quadro alucinatorio intenso e invasivo, para o qual tenta remediar com uma passagem ao ato desastrosa.

Retomando as três funções supracitadas, se o sujeito é convocado a atribuir valor de existência simbólica a algo que não se apresenta em sua realidade especular (*Verneinung*), ou se é levado a assumir, simbolicamente, uma posição distinta daquela

que o estabiliza (*Verdichtung*), e na impossibilidade de contar com a atuação do recalque diante dessa situação conflituosa (*Verdrängung*), a construção imaginária que deu suporte à realidade do sujeito se dissolve e a psicose está desencadeada.

A realidade na psicose

Vimos então que o significante Nome-do-Pai tem duas funções, demarcar a falta no campo do Outro e permitir a significação conforme uma Lei ordenadora – a lei fálica. Além disso, Lacan determina (1957-1958/1998) que a percepção da realidade é intermediada pelo inconsciente e ordenada pela articulação da cadeia significativa, ou seja, a percepção da realidade irá depender da forma como o sujeito se relaciona com a linguagem. Na ausência dessa lei, uma significação desordenada insiste sobre o psicótico causando uma perturbação do corpo e da fala. Lacan (1957-1958/1998) dirá que é possível encontrar na linguagem as provas da forclusão do Nome-do-Pai. Tanto na fala como na escrita, presenciam-se os neologismos que atribuem uma significação inteiramente nova a algum termo ou fragmento de palavra, ou então possibilitam a criação de novas palavras, um novo código, um novo idioma, na tentativa de dar conta de uma significação imensurável. A palavra, ao perder o sentido, ganha concretude. Torna-se som e o som torna-se coisa, pois é justamente o sentido, aqui inexistente, que funcionaria como um litoral entre a palavra e a coisa. À palavra sem sentido não há significação que satisfaça, posto que falta-lhe consistência, o ponto de basta que daria respaldo ao discurso do sujeito.

Nesse cenário, Lacan (1957-1958/1998) irá propor a construção da metáfora delirante como saída para o sujeito psicótico dos temores e terrores que vivencia com a dissolução imaginária. Metáfora essa que, mesmo delirante, servirá para indicar ao sujeito uma significação possível do desejo do Outro, do qual o sujeito poderá tomar para si um nome que amarre seu Eu e assim o recomponha. No relato de um paciente, J., percebe-se o efeito apaziguador decorrente de sua construção delirante.

J. foi internado involuntariamente depois de cometer algumas agressões contra mulheres de seu território. As agressões consistiam em apertar e puxar os seios delas, sendo o comportamento narrado como uma tentativa de tomar para si o “selo” da salvação. J. sofria de alucinações que lhe anunciavam o fim dos tempos e temia não ter lugar garantido na Cidade Santa que surgiria após o Apocalipse, caso não obtivesse o selo. Entretanto, reconhecia que o fracasso nas tentativas lhe causava problemas, afinal já havia sido linchado pelo comportamento interpretado socialmente como abusivo. Depois de intervenções, J. “descobre” que a sua função, na verdade, é manter o selo no Mundo, auxiliando Deus a impedir que o fim de sua criação aconteça.

Conforme Dafunchio (2008), o caráter assintótico de uma metáfora delirante pode funcionar para um psicótico como o Ideal do Eu funciona para o neurótico, mantendo para esse sujeito uma crença, uma direção, um sentido. Entretanto, essa noção de realidade pode desarmar e uma nova crise se desencadear e, assim, críticas surgem a respeito dessa direção de tratamento (Beneti, 2005). Como não foi submetida à castração, a metáfora delirante configura-se sob o fenômeno elementar da crença delirante, concedendo o caráter de uma certeza ferrenha, uma Verdade que não conhece

limites e na qual tudo se subverte para que ela se mantenha de pé. Por mais êxito que o sujeito psicótico tenha em reconfigurar seu mundo e a si mesmo, a saída por meio da metáfora delirante pode lhe custar o preço da impossibilidade de compartilhar sua realidade, dificultando-lhe o laço social.

Implicações do registro Real na teoria das psicoses

Já no início da década de 1960, a partir do Seminário 10 – a angústia (1962-1963/2005), encontra-se na obra de Lacan o interesse em pensar o sujeito anteriormente à linguagem, ou seja, em sua condição de ser vivente. Um dos motivos disso é a ocorrência de algumas situações que Freud já havia sinalizado desde a década de 1920. Isto é, a constatação na clínica da reação terapêutica negativa, em outras palavras, do sujeito que não abre mão de seu sintoma; a repetição de uma experiência traumática mediante formações do inconsciente, que persistia sobre e apesar da elaboração construída a partir da fala no processo de análise; e, por fim, na emergência da angústia como um afeto puro e desatrelado de um representante ideativo.

Lacan traduzirá essas observações freudianas dizendo que o simbólico é insuficiente para recobrir o real da pulsão. Apesar das palavras circunscreverem o gozo originário do ser, não dão conta de tamponá-lo completamente. Como não há significante que dê conta de representar esse gozo primordial, Lacan (1962-63/2005) aponta a existência de um objeto, o objeto *a*, o qual também faz parte da constituição subjetiva e cai do ser vivente no momento em que ele é tocado pela linguagem, e que por ser anterior ao sujeito é inapreensível ao psiquismo devido à impossibilidade de simbolização. O objeto *a* é aquilo que é extraído do corpo pela operação significante, “Como resultante, surge também o sujeito barrado, aquele que deverá peregrinar de significante em significante na busca por representação, encontrando-a somente de modo parcial” (Marcos & Sales, 2017, p. 582). Mas como conceber a existência de um objeto (*a*) sem efetivamente saber o que é isso?

O objeto *a* é suposto, isso é verdade, assim como é suposta a falta primordial que nos constitui como sujeitos de desejo. No entanto, o sentimento de um “vazio” de algo é real e compartilhado de tal forma que sustenta, como um consenso, a ideia de que toda experiência de satisfação é temporária e claudicante.

Em suma, o objeto *a* é aquilo que o sujeito supõe ter sido perdido em algum momento de sua constituição subjetiva e só supõe tê-lo perdido devido à crença de que irá (re)encontrá-lo e (re)incorporá-lo. Na ignorância sobre o seu real formato, atribui a vários outros objetos a sua imagem. Sem se dar conta, tenta simbolizar esse objeto ao substituí-lo por algum objeto imaginário que lhe traga a sensação de completude, mas logo se depara novamente com o seu vazio e percebe que, na verdade, o que desejava era outra coisa. Por isso Lacan o conceitua como objeto que causa o desejo, mas não como objeto que o realiza. Pelo contrário, quando o sujeito vislumbra o retorno desse objeto como tal, desarticulado de sua fantasia, é acometido pela angústia, por um gozo que ultrapassa a satisfação.

Retomando brevemente as implicações da metáfora paterna, será feita uma pequena digressão para articulação dessas teorias. Quando a metáfora paterna se apresenta no

discurso da mãe, operacionalizando a castração e elevando o falo à categoria de um objeto simbólico e não mais imaginário somente, Lacan afirma que isso impossibilita à criança ser o falo da mãe e impossibilita à mãe a reintegração de seu produto, o filho. A incidência do Nome-do-Pai é o que permite ao sujeito desejanste um tipo de satisfação apenas parcial, a satisfação fálica.

Agora é possível entender que essa satisfação é parcial justamente pela impossibilidade de reintegração do objeto *a*, objeto que é perdido anteriormente à lei, à função paterna, em uma castração primitiva, real, cujo modelo é o trauma do nascimento. Sendo assim, o objeto *a* não corresponde ao falo, que é o objeto apontado pela função paterna como alvo para que o desejo se realize. E mais ainda, se agora falamos de uma castração primitiva, é possível dizer que a extração do objeto *a* não é efetuada pelo Nome-do-Pai. A partir da década de 1960, a importância desse significante continuará sendo a de atrelar a lei ao desejo, mas não de operar a castração.

Já na psicose, como a metáfora paterna não se opera, vemos no real o retorno do objeto *a* sob a forma da alucinação. Como no sujeito psicótico não há a inscrição do Nome-do-Pai, conseqüentemente não há significação fálica para circunscrever o gozo perdido na castração primordial. Se esse gozo está desatrelado da lei fálica que o localizaria como algo fora do corpo, nesse caso, o sujeito vai se identificar com o objeto.

Nessa perspectiva não estamos mais falando sobre a falta de um significante, pois só falta aquilo que existe e se faz ausente. Falamos de um furo no campo do Outro, o furo da impossibilidade de nomear o gozo primitivo. Dizer que a esse furo falta um significante já é uma forma de tentar atribuir uma significação a isso que é da ordem do sem-sentido. Não se trata de falta ou ausência, mas de inexistência.

Quando o objeto *a* entra em cena como aquilo impossível de se representar, o vazio do significante no campo do Outro se dá para todos, pois é condição primordial do contato do ser com a linguagem, seja na neurose, seja na psicose. Conforme Tendlarz (2007, p. 8), “Neste ponto, estamos no para além do Édipo, porque não estamos mais fazendo a castração girar em torno do pai. [...] É a própria introdução na linguagem que produz uma perda de gozo”. É possível dizer que essa concepção coloca em xeque a afirmativa de que somente a psicose tem um déficit do registro simbólico. Se o Outro é carente de um significante, podemos presumir que a forclusão é generalizada e que isso não é mais exclusividade da psicose.

A ordenação da realidade neurótica sob a norma fálica exige, portanto, como já dizia Lacan desde 1955, no Seminário 3, que o sujeito não a questione, que o sujeito se recuse a perceber o sem-sentido do real do corpo e da existência, a debilidade do significante e a fragilidade de uma significação. Nesse tempo do ensino de Lacan se inicia uma virada paradigmática a toda teoria psicanalítica, que antes fora pensada a partir da neurose e da primazia do simbólico, e agora, com a forclusão generalizada, a psicose começa a tomar seu lugar de paradigma e o real passa a nortear a construção da teoria. Para além da criação de sentido e da interpretação das formações do inconsciente, há de se pensar nas formas possíveis de circunscrever o gozo.

Desse modo, podemos presumir que o significante Nome-do-Pai, que na teoria das estruturas clínicas é foracluído na psicose, será desvalorizado e pluralizado nesse novo momento do ensino de Lacan. O que irá demarcar a diferença estrutural é que o neurótico faz suplência ao furo no Outro utilizando o significante Nome-do-Pai, e o psicótico, por não contar com esse significante, será convocado a fazer suplência de outro modo ou então conviver com o objeto a , guardá-lo no bolso, como diz Lacan (1969-1970/1992). O significante Nome-do-Pai torna-se apenas uma forma de atribuir significação a esse vazio enquanto falta, no caso da neurose; e conforme apontam Marcos e Sales (2017, p. 588), “cada sujeito constrói para si um mito individual para dar forma à suposição de gozo, pois a castração corresponde a esse processo de perda ao qual o sujeito ascende ao se confrontar com a linguagem”.

A partir daí podemos pensar na pluralidade e particularidade das psicoses, pois cada sujeito, a seu modo, pode criar uma forma de sustentar sua realidade e barrar o gozo na ausência do significante paterno. Pode-se citar como exemplo o caso do paciente V., professor de inglês e alemão que trabalha como tradutor e revisor de textos. Enquanto viajava, seu computador foi furtado por homens com quem confraternizou em um bar. Ao se dar conta do furto desencadeou uma crise psicótica, tendo sido acolhido em um serviço de urgência após uma passagem ao ato em via pública. Durante a entrevista de acolhimento, V. se nomeia como “professor e tradutor”, afirmando repetidamente que “não era ninguém” sem o seu instrumento de trabalho. Compartilha ter sido invadido por uma crença inabalável de que ficaria em situação de rua até morrer de fome, e por já considerar-se morto se automutilou. Após alguns dias de cuidado no serviço e grato pelo acolhimento, V. insistia em retribuir a equipe com aulas de idiomas, deixando entrever sua necessidade de ter seu nome legitimado pelo Outro.

Tendlarz (2006/2007, p. 5) afirma que a clínica da psicose “mostra claramente que nem todos os sujeitos desencadeiam no mesmo ponto”. A função do Nome-do-Pai, nesse momento, é de amarração dos registros real, simbólico e imaginário. Sendo assim, a pluralização no Nome-do-Pai diz respeito ao significante que pode ser substituído por um nome próprio, que pode variar de sujeito para sujeito.

Considerações finais

Constatamos que as mudanças do ensino de Lacan ao longo dos anos 1950 e 1960 não são meramente teóricas. Antes disso, é uma mudança de perspectiva, uma ampliação da teoria psicanalítica que no primeiro momento caminha ao lado de Freud e posteriormente vai além dele. Não se trata exatamente de uma ultrapassagem, no sentido de uma conquista de territórios mais amplos. Na verdade o que percebemos é como Lacan transcende a teoria psicanalítica aprofundando-se no território que Freud já colonizara, extraíndo dele outras preciosidades. Vimos a motivação de Lacan compreender as manifestações psicóticas para além da psicopatologia que conheceu em sua formação psiquiátrica, obtendo sucesso em formalizar a psicose como uma estrutura à parte da neurose, categorizando os fenômenos elementares como fenômenos de linguagem e diferenciando o modo de funcionamento do inconsciente na neurose e na psicose.

Percebemos como Lacan avançou na construção de sua teoria ao dar um passo atrás, isto é, pensando anteriormente às manifestações do desencadeamento de uma psicose, no mecanismo que constitui os sujeitos psicóticos. Na década de 1950, Lacan esclarece que é a forclusão do significante primordial Nome-do-Pai que impedirá o sujeito de assentar sua realidade sobre a norma fálica e de atribuir significação ao desejo da mãe. A forclusão desse significante é o que ocasionará toda a sorte de fenômenos elementares e a dissolução imaginária.

De 1955 a 1958 vimos que, decorrente da primazia do simbólico nesse tempo do ensino de Lacan, e do desastre do imaginário observável nas psicoses desencadeadas, a metáfora delirante era considerada o ponto de chegada, o objetivo do tratamento. Isso porque a metáfora delirante é uma solução do tipo simbólico-imaginária que permitiria ao psicótico reconstituir seu mundo e a si mesmo a partir de significações delirantes que reconfiguram sua realidade.

Contudo, a partir da década de 1960, vimos novamente Lacan dar um passo atrás, estando às voltas com as observações deixadas por Freud a respeito dos pontos de insuficiência do registro simbólico. Apresentamos a subversão do primeiro paradigma lacaniano para se pensar a clínica, ou seja, aquele que parte da neurose e da primazia do simbólico, quando Lacan começa a caminhar em direção ao real como aquilo que resta da operação significante. Resto esse que aponta para a existência de um objeto na estrutura subjetiva que demarca a incompletude do Outro por ser impossível de se simbolizar, objeto *a*.

O registro simbólico perde então seu lugar de primazia à medida que Lacan percebe que a incompletude do Outro, do tesouro de significantes, se dá para todos. Nesse momento, a relevância que o Nome-do-Pai outrora tinha como significante primordial é colocada em jogo.

Entretanto, mesmo sendo generalizada a forclusão de um significante, mesmo sendo incompleto o Outro para todos os sujeitos em qualquer estrutura, mesmo que nesse momento encontremos um ponto em comum a todos – a castração primitiva do ser vivente pelo contato com a linguagem –, a seguinte diferenciação estrutural permanece: se a forclusão recai especificamente sobre o significante Nome-do-Pai, ainda estaremos falando de psicose. Desse modo, a hipótese causal para a estruturação da psicose não se modifica, mas ampliam-se as possibilidades para esses sujeitos de se haverem com isso.

O significante Nome-do-Pai permanece como aquele que articula a lei ao desejo e sua importância como organizador da realidade se mantém para a neurose. Mas, com a generalização da forclusão, que deixa de ser apenas exclusividade da psicose e agora se dá para todos, pluraliza-se o Nome-do-Pai, no sentido de que se admite a outros significantes quaisquer exercerem essa função na psicose. Esse avanço feito por Lacan em seu ensino traz um novo olhar para a psicose, retirando-a do lugar de estrutura deficitária em relação à neurose. Enquanto na década de 1950 se dizia que a psicose apresenta um déficit simbólico, a partir da década de 1960 o próprio registro simbólico é deficitário.

Com a pluralização do Nome-do-Pai, Dafunchio (2008) nos mostra que esse é o prelúdio de como Lacan teoriza sobre a possibilidade de alguns psicóticos não sofrerem com a dissolução do imaginário, já que os três registros que compõem a realidade estarão amarrados por outro significante que fará suplência à forclusão do Nome-do-Pai, e assim a psicose começa, pouco a pouco, a conquistar um lugar paradigmático para se pensar a teoria psicanalítica.

Referências

- Beneti, A. (2005). Do discurso do analista ao nó borromeano: contra a metáfora delirante. *Opção Lacaniana online*. Recuperado em 28 outubro, 2018, de <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n3/textod.asp>.
- Dafunchio, N. S. (2008). *Confinés de las psicosis*. Buenos Aires: Del Bucle.
- Freud, S. (1996). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*. In S. Freud. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XII, pp. 15-89). Rio de Janeiro: Ed. Imago. (Obra originalmente publicada em 1911).
- Lacan, J. (1992). *O avesso da Psicanálise*. In J. Lacan. *O Seminário* (livro 17). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente publicada em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente publicada em 1957-1958).
- Lacan, J. (1999). *As formações do inconsciente*. In J. Lacan, *O Seminário* (2a ed., livro 5). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente publicada em 1957-1958).
- Lacan, J. (2002). *As psicoses*. In J. Lacan. *O Seminário* (2a ed., livro 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente publicada em 1955-1956).
- Lacan, J. (2005). *A angústia*. In: J. Lacan. *O Seminário* (2a ed., livro 10). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente publicada em 1962-1963).
- Leite, M. P. de S. (2002). *Psicanálise, Sujeito e Psiquiatria*. In M. L. Violante, M. L. (Org.). *O (im)possível diálogo – Psicanálise e Psiquiatria*. Via Lettera Editora.
- Marcos, C. M., & Sales, E. A. de S. (2017). Os nomes do pai e a generalização da castração. *Ágora*, XX(2), 575-590. Recuperado em 3 novembro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v20n2/1809-4414-agora-20-02-00575.pdf>.
- Miller, J. A. (1996). *Suplemento topológico a “Uma questão preliminar...”* In J. A. Miller. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Souza, N. S. (1991). *A psicose: um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro. Ed Campus.
- Tendlarz, S. E. (2006/2007). Incidências na clínica das versões da função do pai (II). *Asephallus*, 2(3), 1-16. Recuperado em 1º novembro, 2018, de http://www.isepol.com/asephallus/numero_03/pdf/artigo_02port_edicao03.pdf.

Tendlarz, S. E. (2007). Incidências na clínica das versões da função do pai (III). *Asephallus*, 2(4), 1-18. Recuperado em 1º novembro, 2018, de http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/pdf/artigo_02.pdf.

Resumo

Este artigo pretende investigar quais definições sobre a psicose encontram-se na teoria psicanalítica lacaniana, entre as décadas de 1950 e 1960. Faremos um percurso localizando como Lacan parte da Psiquiatria em direção às ideias de Freud, retirando a psicose de uma condição patológica elevando-a a uma das três estruturas clínicas. Interrogaremos o que faz da psicose, na década de 1950, uma estrutura marcada por um déficit simbólico em relação à neurose e apresentaremos a concepção lacaniana acerca dos fenômenos elementares presentes no desencadeamento da psicose, o mecanismo estruturante dos sujeitos psicóticos e a solução apontada por Lacan para estabilização da crise. Quanto à década de 1960, introduziremos o objeto real formulado por Lacan, o objeto *a*, buscando descrever as principais implicações dessa nova teorização para a concepção de psicose. Ao compararmos esses dois momentos da teoria lacaniana, buscamos demonstrar como a introdução do objeto *a* modifica o paradigma lacaniano acerca da psicose fundado na forclusão do Nome-do-Pai.

Palavras-chave: Psicose. Psicanálise. Lacan.

Psychosis in Lacan: mutations of the theory from the clinic

Abstract

This article aims to investigate which definitions of psychosis are found in the Lacanian psychoanalytic theory, between the 1950s and 1960s. We will trace a path pointing how Lacan's concepts had sprung from psychiatry towards Freud's ideas, withdrawing psychosis from a pathological condition by raising it to one of the three clinical structures. We will discuss what makes psychosis in the 1950s a structure marked by a symbolic deficit compared to neurosis, and will bring forward the Lacanian conception of the elementary phenomena present in the onset of psychosis, the structuring mechanism of psychotic subjects, and the Lacan's indicated resolution to stabilize the crisis. As for the 1960s, we will introduce the real object formulated by Lacan, the object *a*, intending to describe the main implications of this new theorization for the psychosis concept. When comparing these two moments of Lacanian theory, it's possible to demonstrate how the introduction of the object *a* modifies the Lacanian paradigm about psychosis which was based on the foreclosure of the Name-of-the-Father.

Keywords: Psychosis. Psychoanalysis. Lacan.

La psicose chez Lacan : mutations de la théorie depuis la clinique

Résumé

Cet article vise à rechercher quelles définitions de la psychose se retrouvent dans la théorie psychanalytique lacanienne, entre les années 1950 et 1960. Nous tracerons un chemin indiquant comment les concepts de Lacan sont passés de la psychiatrie aux idées de Freud, retirant la psychose d'un état pathologique en l'élevant à l'une des trois structures cliniques. Nous discuterons de ce qui fait de la psychose dans les années 1950 une structure marquée par un déficit symbolique par rapport à la névrose, et mettrons en avant la conception lacanienne des phénomènes élémentaires présents dans l'apparition de la psychose, le mécanisme structurant des sujets psychotiques et la résolution indiquée par Lacan pour stabiliser la crise. Comme pour les années 1960, nous présenterons l'objet réel formulé par Lacan, l'objet *a*, dans l'intention de décrire les principales implications de cette nouvelle théorisation pour le concept de psychose. En comparant ces deux moments de la théorie lacanienne, il est possible de montrer comment l'introduction de l'objet *a* modifie le paradigme lacanien de la psychose qui reposait sur la forclusion du Nom-du-Père.

Mots clés: Psychose. Psychanalyse. Lacan.

Psicosis en Lacan: mutaciones de la teoría desde la clínica

Resumen

Este artículo tiene la intención de investigar qué definiciones de psicosis se encuentran en la teoría psicoanalítica lacaniana, entre los años 1950 y 1960. Seguiremos un camino para localizar cómo Lacan parte de la psiquiatría hacia las ideas de Freud, cambiando la psicosis de una condición patológica al elevarla a una de las tres estructuras clínicas. Discutiremos qué hace que la psicosis en la década de 1950 sea una estructura marcada por un déficit simbólico en relación con la neurosis, y presentaremos la concepción lacaniana de los fenómenos elementales presentes en el inicio de la psicosis, el mecanismo de estructuración de los sujetos psicóticos y la solución señalada por Lacan para estabilizar la crisis. En cuanto a la década de 1960, presentaremos el objeto real formulado por Lacan, el objeto *a*, buscando describir las principales implicaciones de esta nueva teoría para la concepción de la psicosis. Al comparar estos dos momentos de la teoría lacaniana, buscamos demostrar cómo la introducción del objeto modifica el paradigma lacaniano sobre la psicosis basado en la forclusión del Nombre-del-Padre.

Palabras clave: Psicosis. Psicoanálisis. Lacan.